HÉRMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 • NÚMERO 34 • JUNHO 2026

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Executivo USG

Chegamos ao final de mais um ano letivo na Universidade Sénior de Gondomar, um percurso feito de aprendizagens, encontros, partilhas e muitos momentos que ficarão na memória de todos. Esta é a última edição do Hérmes antes das merecidas férias de Verão, e não posso deixar de expressar o meu profundo agradecimento a cada membro que, diariamente, constrói este projeto educativo.

A cada aluno, professor, colaborador e voluntário, o meu reconhecimento pela dedicação, entusiasmo e espírito de participação que deram vida às enumeras atividades, às aulas e aos projetos desenvolvidos ao longo destes meses. A Universidade Sénior é, acima de tudo, um espaço de convivência, crescimento, realização pessoal e felicidade — e isso só é possível graças a cada um de vós.

Enquanto nos despedimos deste ciclo, deixamos também uma certeza: o próximo ano letivo já está a ser preparado. A equipa encontra-se a trabalhar com antecedência, afinando detalhes, criando novas propostas e desenhando atividades que prometem surpreender. Queremos que o regresso seja ainda mais inspirador, mais dinâmico e mais enriquecedor.

Até lá, desejo a todos um Verão tranquilo, uma pausa merecida para recarregar baterias. Que regressem com energia renovada para continuarmos, juntos, a construir esta comunidade que tanto nos orgulha.

Bem-haja a todos!

Murmúrios do Rio Ferreira

— Etelvina Sousa Ferreira

Há manhãs em que acordo com o cheiro da terra molhada e caminho devagar pelo trilho, sentindo cada pedra sob os pés como se o chão contasse histórias antigas. O rio serpenteia preguiçoso entre margens silenciosas, murmurando segredos que ninguém escreve, mas que se sentem na pele, nos cabelos, nos dedos molhados. Às vezes paro, contemplo uma árvore e fecho os olhos; os sonhos adormecem nos ramos e os montes guardam memórias nas sombras das pedras.

O sol aloira os campos e a brisa traz o perfume dos dias criados, enquanto o riso das crianças e o latido distante de um cão lembram que a vida aqui segue outro compasso, lento, sem pressa.

As nuvens preguiçosas cobrem os montes e deitam-se sobre a serrania como se o mundo estivesse cansado, e eu sinto que o tempo, aqui, não tem pressa; o mundo respira mais fundo, e eu respiro com ele. O rio continua, serpente de prata, paciente e constante, ensinando-me a ouvir, a esperar, a contemplar. Cada pedra, cada folha,

cada onda é um poema silencioso que se recusa a desaparecer.

Caminho de volta, com os passos de quem nunca se cansa e o coração cheio de silêncio, sabendo que amanhã voltarei ao rio, porque há lugares onde o tempo e a beleza dançam juntos e o simples gesto de observar já é suficiente. Nos entardeceres, a água reflete o céu em tons que mudam a cada instante, e eu permaneço ali, sentada num mundo ao contrário, com o reflexo das árvores que crescem nas margens, ouvindo o murmúrio das águas, pensando nas memórias que carregam e nas histórias que nunca serão contadas. Cada sombra, cada sopro de vento, cada respiração da natureza insiste em lembrar-me que a vida pode ser lenta, delicada, e que há felicidade em simplesmente estar presente.

Quando a noite chega, com seu manto de estrelas, o rio continua a cantar baixinho, e sinto que pertenço àquele lugar, não como dono nem visitante, mas como alguém que aprendeu a escutar o ritmo das coisas simples. As árvores, o vento, a terra, o xisto e a água unem-se num mesmo sopro, e eu, silenciosa, deixo-me levar, sabendo que amanhã haverá outro dia, outro murmúrio, outro instante de beleza que não se apressa e não se repete, e que isso basta para encher o coração de quem aprende a ver o mundo com os olhos da memória e da saudade serena.

Cada dia aqui é uma pequena eternidade, e cada instante vivido junto a estas margens é um verso silencioso que se escreve na memória, lembrando-me que a verdadeira riqueza está em saber escutar e sentir, mesmo nos murmúrios mais discretos.

A infância e a aprendizagem em três episódios: As Laurindas

— Margarida Rodrigues

Segundo Episódio

A casa onde eu vivia ficava próxima das escolas primárias. A pequena em Vila Nova e a grande, nova, a escola primária do Vinhal, no final da minha rua. Por isso, todos os dias passavam muitas crianças na rua a caminho da escola. E eu dentro do portão de casa, que tinha de estar sempre fechado, por imposição dos meus pais. E ai de quem se esquecesse.

Eu ficava atenta à chegada das colegas da minha irmã Rosita, que não se despachava a beber o leite e não podia sair sem o acabar. Subia as escadas e, sem a minha mãe ver, vertia o leite pelo ralo da banca, deitava água na caneca, descia as escadas e pedia-lhes para esperarem, que a Rosita já desceria pois tinha ido lavar a boca.

Fui apanhada em flagrante delito uma ou outra vez. Como consequência, levávamos cada qual uma bofetada de modo a aprender a não deitar o leite fora, que era caro e além disso fazia bem aos ossos. A Rosita ainda ameaçava que na próxima..., mas a próxima era exatamente igual.

Como a Rosita tinha algumas dificuldades na aprendizagem, tinha

aulas de apoio numa "mestra", a senhora Laurinda. A casa da mestra ficava no Taralhão, junto da quinta da Bouça Cova, dos Capuchinhos. Para lá chegar, havia que atravessar a rua principal que separava os dois lugares do Vinhal e Taralhão.

Certo é que, de tanto pedir que queria ir para a escola, a minha mãe acedeu a que eu fosse para a mestra com 5 anos e assim aprender a fazer contas, a ler e ajudar a Rosita.

Tive direito a uma pasta branca com desenho na pala do conjunto "Maria José e o seu Mini Trio", uma lousa, dois cadernos – um de linhas, outro quadriculado – lápis de dor da Viarco, um estojo com fecho onde guardava o giz, o lápis, a borracha e o afia. Todo este material comprado pelo meu pai na baixa do Porto.

Lanche preparado na véspera, pois não me queria atrasar, lá rumei até á casa da mestra acompanhada pela minha mãe e irmã.

Apresentações feitas, senti algum receio, pois diziam cobras e lagartos da senhora Laurinda. Nunca soube a idade dela, mas morreu com mais de 90 anos, tinha eu já cerca de 40. Visitei-a várias vezes durante a sua doença e tive sempre a ideia de ser uma senhora idosa. Era má, castigava, batia com a régua nas mãos e pernas e com uma cana na cabeça. Tinha um bicho dentro de um frasco, "a salamandra", (uma pedra sarapintada castanha e branca coberta com água) que ia para o quarto do castigo com o aluno. Um terror aos olhos e ouvidos de alguns.

- Não tenhas medo, pareces esperta, já conheces as letras todas...assim fosse a tua irmã.

Foram estas as palavras que me ficaram gravadas na memória ditas pela senhora Laurinda.

A Rosita era muito mais calada que eu, mas também se fazia de sonsa, como dissemos tantas vezes. Tinha a casa sempre impecável, a brilhar, era o maior gosto da vida.

Aprendi a desenhar as letras, já as sabia juntar, e os números também foram um processo simples, de modo que passado pouco tempo eu já dominava a escrita, a leitura e a matemática. Nunca tive jeito para desenhar e creio que realmente foi a minha maior dificuldade na aprendizagem.

Injustiças à parte, não podia ter corrido melhor a minha passagem pela casa da mestra.

A partir do segundo ano a Rosita já lá não andava, e eu estava por minha conta e risco.

A Ivone, uma vizinha mais nova que eu um ano, passou a ir também comigo para a mestra, como acharam por bem. Era filha e neta única, com uma tia solteira que trabalhava no Bazar Paris, no Porto, e por isso recebeu uma pasta de levar às costas. A Ivone sempre teve brinquedos lindos e diferentes dos meus. Dávamo-nos muito bem, brincávamos juntas, ora na minha casa, ora na casa da avó dela, duas casas abaixo, a sra. Clarinda.

- Ide com cuidado e atravessem a linha de mão dada...atenção aos carros!

A rua de então, hoje Avenida General Humberto Deslado, foi palco de muitos acidentes, três deles mortais, envolvendo crianças, uma delas minha colega de classe. Todos atravessávamos pela parte de trás dos autocarros que ali faziam paragem. Atropelamentos graves ou menos grave ocorreram ali, até que muitos anos depois apareceram as passadeiras, o que baixou significativamente a sinistralidade naquela zona da avenida.

Às vezes trocávamos de pasta e de mãos dadas, saias bem curtas, chegávamos à senhora Laurinda. Havia uma outra colega de escola, a Aurora "da saia curta", e certo dia decidimos as três fazer uma pequena parte do percurso, que já estava alcatroado, de joelhos. Quando chegamos a casa, as nossas mães e avós, devidamente alertadas, estavam à nossa espera de chinelo na mão.

- Nunca mais façam isso, esses joelhos vão doer, e já sabes – não vais ter festa de anos!

Fomos companheiras de muitas e muitas brincadeiras. A Ivone foi a primeira rapariga da rua a ter bicicleta. Andávamos à vez. Se havia uma chiclete da Gorila, era repartido pelas duas. Os anos passaram, tivemos escolas diferentes, moradas diferentes, mas ao sábado a Ivone foi sempre visitar a avó e eu a minha mãe, e por isso encontramo-nos mutas vezes.

Quando comecei a ler "A Amiga Genial" da Elena Ferrante, lembrei-me logo da Ivone.

Quando no décimo ano a minha filha foi estudar para a escola artística Soares do Reis encontrei a Ivone lá a trabalhar, como auxiliar. Foi a minha vez de lhe pedir para lhe dar a mão e me avisar de alguma coisa mais grave. Felizmente nunca me telefonou. A Ivone tinha andado envolvida pelo mundo da droga e sabia bem o que isso representava. O marido morreu muito jovem, de overdose. A Ivone fez várias desintoxicações e conseguiu recuperar.

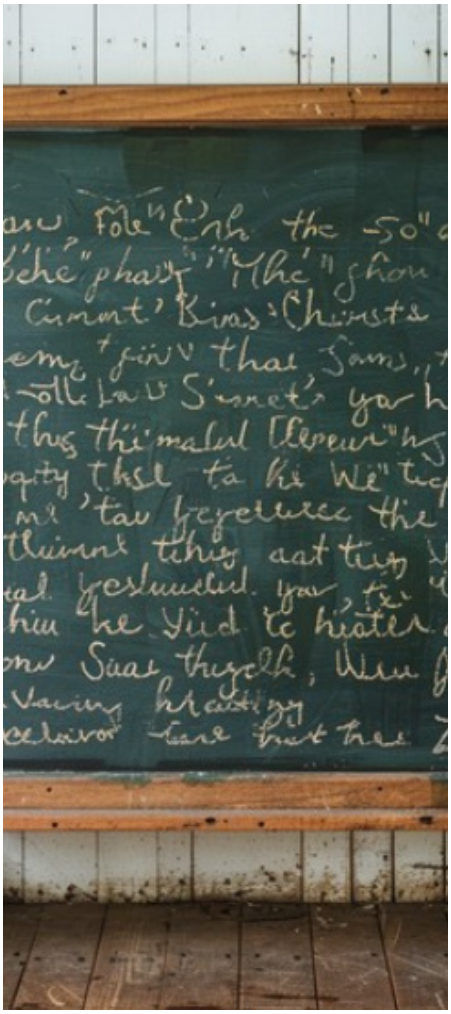
Ficaram muitas mazelas. De menina que tudo tinha ficou sem nada. A avó, enquanto viveu, foi o seu grande suporte. Os pais também tinham falecido. A tia enlouqueceu, encheu a casa de gatos, andava a qualquer hora do dia na rua a chamar por eles, até ter sido institucionalizada. "Tinha sofrido grandes desgostos amorosos", o que lhe causou o distúrbio.

- A Ivone manda-te um beijo, mãe! dizia a minha filha.

Há poucos anos voltou à "Soares" para levantar uns trabalhos do tempo da escola, e chegou a casa a dizer que tinha encontrado a Ivone, e que esta a tinha reconhecido logo.

- Mandou um beijo para ti, mãe.

Fiquei contente de saber dela. Não nos vemos há alguns anos, mas a nossa amizade fica para todo o sempre. Gostava de a abraçar novamente.



Quando a Arte te Abraça: A Revolução das Experiências Imersíveis

— João Paulo Pinto

Na contemporaneidade, com a evolução da tecnologia, as Artes possibilitam a transformação das formas de expressão e da interação humana. Desde os tempos mais remotos, o homem sempre demonstrou a necessidade de se expressar na arte, a exemplo das pinturas rupestres, da utilização do sangue animal e sementes para produzir tintas para suas pinturas. As tecnologias sempre fizeram parte da cultura humana, ao longo da sua história.

A arte e a tecnologia, na era moderna e com o avanço da inteligência artificial, têm promovido novas possibilidades criativas expandindo as fronteiras da expressão artística, numa possível interseção e consequentemente enriquecido mundo das artes.

No campo artístico, a inteligência artificial permite uma convergência de ideias e criatividade humanas, desafiando e adaptando novas formas de criar e produzir arte, ampliando novos horizontes. Além disso, a sinergia entre homem, máquina e obras de arte gera expressões e experiências que redefinem os limites de atuação de cada campo.

Os ambientes imersivos, aliados ou não às tecnologias interativas, a exemplo das "exposições imersivas", uma vertente da arte digital contemporânea, vêm conquistando, cada vez mais, espaços e públicos reunidos com artistas numa intersecção entre arte, tecnologia e entretenimento. Os artistas entendem cada vez mais de tecnologia, e conjuntamente com profissionais criativos, bebem nas fontes das artes para criarem os seus produtos, trazendo a público experiências sensoriais, luzes, sons, projeções de vídeos simultâneos e harmónicos, com o objetivo de envolver o visitante nestes espaços mais acessíveis e inclusivos de maneiras inovadoras e surpreendentes.

A tecnologia não democratizou, simplesmente, o acesso à criação artística, mas desafiou a arte e pode levar os artistas a inovarem, e públicos a apreciarem a beleza das criações tecnológicas, a novos horizontes criativos, interligados harmoniosamente na criação de obras artísticas que inspiram, provocam e encantam. É a revolução da arte digital!

Imagine entrar numa sala onde as paredes ganham vida, o chão responde aos seus passos e o som parece vir de dentro de si. Não se trata de apenas olhar para uma obra de arte - agora, entra-se nela.

A fusão entre arte e tecnologia está a transformar completamente a forma como criamos e vivenciamos o belo. É como se a imaginação humana tivesse, finalmente, encontrado ferramentas à altura para se expandir sem limites.

No centro dessa revolução estão as experiências imersivas. Projeções em 360º, realidade aumentada, sons que te cercam por todos os lados... Tudo isso te convida a deixar de ser espectador para te tornares parte da obra. Não só observas, mas sentes, interages, crias junto.

E mais, a inteligência artificial tornou-se parceira de muitos artistas. Com ela, surgiram novas possibilidades - e também novas questões. Quem assina uma obra feita a quatro mãos com uma máquina? O que ainda é "arte"? Essas perguntas tiram-nos do automático e reacendem o debate sobre o que é, de facto, humano.

Outro ponto forte dessa transformação é a inclusão. Com tecnologia adequada, mais pessoas podem aceder e viver a arte em profundidade, independentemente das suas limitações. A acessibilidade deixa de ser um extra e passa a ser parte essencial da experiência

Estamos a entrar numa nova era. Uma era em que a arte não se limita a quadros em paredes silenciosas, mas espalha-se por espaços, telas e sentidos. Uma era onde criatividade e inovação andam de mãos dadas para nos lembrar que sentir - e interagir - ainda é o que há de mais poderoso.

Clubes Offline

— Lino Castro

Há cerca de um ano, inopinadamente, mais de cinquenta milhões de Ibéricos viram-se, quase no salto de tempo de um minuto para outro, desligados de tudo e de todos. *Nuestros hermanos* terão pensado, pois decerto assim se sentiram, que estavam aislados. Tal como nós, os Lusos. Todos isolados! E, atos contínuos, mostrámo-nos, cada um de nós, tateando digitalmente os símbolos e teclas dos hoje mais nossos fiéis amigos e companheiros, o telemóvel. Corria o dia 28 de Abril, ocorreu o "dia do apagão", com todas as redes de telecomunicações fenecidas. Mortas.

Em tempos idos dependíamos do telefone fixo para comunicações, tirávamos fotografias com máquinas analógicas, e cumpríamos o ritual de levar os rolos de celuloide a uma loja para as obter reveladas. Mesmo sem *pocket phone, handy, mobil*, telemóvel, não nos perdíamos dos nossos entes e amigos. Nesses idos tempos enviávamos cartas e postais escritos à mão para amigos e eles respondiam-nos de volta, manuscritamente.

Não, este não é um exercício de nostalgia que estamos a tentar fazer emergir ou a erguer aqui. Apenas a evocar a lembrança desse, ou desses tempos, os quais vivíamos

com sensações ou sentimentos de segurança, em nada menos semelhantes aos de hoje. Os tempos volveram e chegamos aos dias de hoje, induzidos a acompanhar uma enorme dependência digital, transversal a todas as gerações, a qual nos deixa cada vez e cada dia mais saturados, porque, embora não querendo, mas, de facto, querendo, gastamos horas da nossa atenção dedicada às inúmeras aplicações que passamos o dia a abrir e a fechar, continuamente.

Relativamente a esta recente e crescente dependência, vários governos europeus e de outras geografias avançam, ou planeiam avançar, com proibições ou limitações de acesso a redes sociais digitais, a jovens menores de dezasseis anos, alegando que tal dependência psicológica causa, neles, efeitos adversos à sua saúde mental e emocional. Nós, por cá, também discutimos a necessidade de impor uma melhor regulação do uso das redes sociais, concretamente sobre as comunidades escolares de idades menores.

No hemisfério dos não jovens, têm surgido, em algumas cidades europeias, iniciativas que procuram contrariar essa dependência nascida no começo do século, como é exemplo o *clube offline* na capital do Báltico, país natal de Van Gogh. Aqueles não jovens do clube organizam encontros regulares de pessoas que se juntam para viverem diversos géneros de atividades - leitura, escrita, jogos ou jantares - obrigando-se apenas a uma condição prévia: manterem os telemóveis desligados.

Desta forma, estes clubes não representam apenas um sentimento nostálgico pelo passado, ou uma tentativa de escapismo à realidade atual de relacionamentos pessoais, pois que é, são também, uma forma de resistência a um modelo de vida que nos deixa cada vez mais isolados. Se já não sentimos tanta tolerância pela presença dos outros, importa então fazer escolhas conscientes para reconquistar esse espaço social que foi perdido. Teremos de reinventar o modo como estabelecermos ligações, e isso é mais urgente do que nunca, face à nova geração de modelos de linguagem (inteligência artificial) que pretende tornar-nos ainda mais dependentes do universo digital.

Com legislação governamental adequada estaremos a proteger as crianças e os adolescentes, mas os adultos não descartam ou desprezam solução equável. Nesse mundo imaterial, mas tão facilmente tangível, contudo, que lucra com a nossa atenção fragmentada, a concentração dela deve tornar-se um ato de resistência. Reivindiquemos o direito ao aborrecimento, à contemplação, até ao *dolce fare niente*, e à cegueira e silêncio decididos de não ver ou ouvir as redes sociais. Que este movimento cresça e se estenda a mais comunidades, sem notificações. Na verdade, não queremos fugir a esta tecnologia. O que desejamos é reaprender a habitar o mundo com os outros, fisicamente ao lado deles, sem intermediários tecno, no único tempo que verdadeiramente nos pertence - o de hoje.

Festa de Final de Ano 2026

Poesia no Parque: Três Anos a Celebrar a Palavra

— A Direção

A iniciativa "Poesia no Parque" está de parabéns. Pelo terceiro ano consecutivo, este evento cultural persiste em existir, afirmando-se como um dos mais belos encontros dedicados à poesia e à palavra dita no concelho de Gondomar.

E se... é sempre o início de algo que pode gerar a mudança, um novo olhar, gesto, forma, no eterno desejo dos homens e mulheres a darem novas roupagens às coisas. E se fossemos para o Parque Urbano ao encontro da poesia, nesse belo espaço público, um ponto de encontro das almas bondosas e belas? Foi assim que nasceu a Poesia no Parque, numa conversa informal entre Artur Sousa, professor da USG, e a aluna Etelvina Sousa Ferreira, que acreditaram na força da poesia como veículo de encontro, partilha e aproximação entre as pessoas.

A ideia ganhou forma quase de imediato e foi recebida com entusiasmo e anuência pelo Dr. António Braz, que lhe deu o seu apoio sem hesitação, permitindo assim a sua integração como mais um evento regular da Universidade Sénior de Gondomar, enriquecendo a vida cultural da instituição e abrindo um novo espaço de expressão e convivência entre alunos e comunidade.

Desde a sua primeira edição, realizada a 2 de junho de 2023, logo conquistou participantes e público, atraídos pela simplicidade da proposta, pela autenticidade das intervenções e pelo ambiente de proximidade e convivialidade que soube criar.

Importa destacar o papel de Artur Sousa, verdadeiro fio condutor do evento, cuja dedicação, sensibilidade e capacidade de comunicação têm sido determinantes para o seu sucesso. Sessão após sessão, é ele quem estabelece a ligação entre poetas, músicos e público, imprimindo ao encontro uma identidade própria e um espírito acolhedor que o tornam único. A sua presença marcante e constante, tem contribuído para criar um ambiente de partilha genuína, onde cada voz encontra espaço para se expressar e cada momento adquire um significado especial.

Nos seus primeiros tempos a "poesia no Parque" contou com a colaboração de músicos residentes e amigos da poesia, entre os quais o poeta António Ferraz, cujas intervenções enriqueceram os momentos de leitura e contribuíram para a criação de uma atmosfera artística única. Com o passar do tempo e o crescente reconhecimento da sua qualidade cultural, o projeto encontrou acolhimento no Conservatório de Música de Gondomar, cujos alunos e professores acrescentam uma dimensão musical de grande qualidade aos recitais, fortalecendo o diálogo entre a poesia e a música e enriquecendo a experiência oferecida ao público.

O que nasceu como uma experiência de partilha cultural rapidamente se transformou num acontecimento esperado por muitos amantes das letras.

Ao longo destes três anos, uma vez por mês, o evento tem vindo a assumir um papel relevante na dinamização cultural da comunidade. Mais do que um simples recital, a "Poesia no Parque" tornou-se um espaço de encontro entre gerações, sensibilidades e estilos literários diversos, onde autores consagrados e poetas amadores encontram voz e público num ambiente de proximidade e convivialidade.

Num tempo marcado pela rapidez da informação e pela crescente digitalização das relações humanas, iniciativas como esta recordam-nos a importância da palavra como instrumento de reflexão, emoção e aproximação entre as pessoas. A poesia continua viva porque encontra quem a escreva, quem a leia e quem a escute.

O sucesso alcançado ao longo destas três edições deve-se ao empenho dos seus promotores, dos músicos, dos participantes que generosamente partilham os seus textos e do público que, ano após ano, responde com entusiasmo ao convite para celebrar a arte poética ao ar livre.

Ao completar o seu terceiro aniversário, a "Poesia no Parque" confirma a vitalidade da cultura local e demonstra que os projetos construídos com paixão, dedicação e espírito comunitário têm capacidade para crescer e perdurar.

Que venham muitas mais edições, mais poemas, mais vozes e mais encontros. Porque enquanto houver quem sonhe, sinta e escreva, haverá sempre lugar para a poesia no parque — e na vida.

Parabéns à "Poesia no Parque" e a todos aqueles que tornaram possível esta bela caminhada.

Quero Ver os Teus Olhos

— Milú Almeida

Chegamos ao café, somos atendidos por um catraio – 3 ou 4 aninhos de gente,

cheia de genica, esperteza e bem nutrido, de olhos escuros e espertos – tapado por um avental vermelho, maior do que ele.

Vem atender-nos, com a mãe atenta, seguindo-o e, claro, a recitar as palavras certas que o miúdo deve utilizar.

Até aqui tudo bem, tudo normal. Metemo-nos com o cachopo que se apresentou tão desembaraçado. Um cumprimento apropriado com alguma brincadeira e um sorriso na cara.

Eu estava com óculos de sol. O menino olhava-me, como quem quer adivinhar algo. Cheio de coragem, diz:

— Quero ver os teus olhos!

Achei piada ao pedido e toda feliz por lhe fazer a vontade, tirei os óculos que ficaram suspensos sobre o meu peito pelos atilhos que os sustêm, e mostrei-lhe os meus olhos escuros e sorridentes.

Qual não é o meu espanto quando o menino fez uma careta!

A mãe, querendo explicar talvez o que não era explicável, comentou:

— Então Lourenço, os olhos da senhora são lindos? E a senhora é bonita, não é?

O menino, mirou-me, remirou-me e respondeu com toda a espontaneidade e verdade de criança que é:

— Não!

E, de seguida, afastou-se da mesa ao mesmo tempo que enrugava o nariz e abanava a cabeça como se precisasse de confirmar o seu «não».

Confesso que fiquei intrigada. Os olhos são o espelho da alma, sempre se ouviu dizer, e eu achava que estava de alma sossegada e contente.

Uma criança não mente. Ela sente-nos!

Então, que raio é que o Lourenço tinha «visto» (sentido) em mim que lhe desagradou tanto?

Um pouco depois, a mãe e o menino voltaram à mesa, desta vez para recolherem as chávenas e o dinheiro.

O miúdo afastou-se de mim, com repulsa (?!), fez uma careta, não quis pegar nas chávenas (parecia que tinham peste!), pegou nas duas moedas de euro e depressa saiu dali.

Eu tinha tirado, de novo, os óculos de sol, para que ele pudesse ver-me os olhos à vontade. Mas não adiantou. O Lourenço não gostou dos meus olhos e até fugia deles ...

Entretanto, a mãe Joana, riu-se e disse-me:

- Para o Lourenço, os olhos das mulheres devem estar pintados. Ele só gosta assim. É esquisito o catraio!

Junto à porta, o menino ora aparecia ora desaparecia, olhando-me com cuidado. Brinquei com ele, mas não adiantou.

Restou-me, para consolação, pensar que ele não tinha gostado de mim porque os meus olhos estavam sem pintura. Todavia, fiquei pensativa ...

Talvez, se ele me tivesse visto ontem, os meus olhos lhe agradassem ...

XXI Encontro Nacional de Universidades Seniores

A Noite e o Eu

— Artur Sousa

A noite transfigura-nos e, sem querer, assoma-se de nós um outro eu. Talvez a ausência de luz desperte esse outro adormecido. Na noite, a sensibilidade ganha força; a imaginação e o sonho apoderam-se do espírito. É a dualidade de personagens num corpo só. Nesse espírito tomado pela sensibilidade, pelo desejo, ocorre-me o quanto ele é capaz de desarrumar, de dar largas aos sonhos, de fazer voar os corpos e as almas.

Sim, esse mesmo, o tal que te põe num nervoso miudinho, que te torna único/a, te faz sentir, vibrar sem saberes como ou porquê... falo do amor, da paixão, da magia do humano que tem a sorte de o sentir. Aquela loucura que nos leva a "ladrilhar a rua só para o meu amor passar".

Conheço muita gente. Gente vivida, com experiência. De quando em vez, as conversas resvalam para o amor. Há quem diga: "Eu nunca senti um verdadeiro amor."

— Vivo com o meu marido há tantos anos, mas o meu amor ficou lá atrás. Os quês e os porquês da vida impediram a continuação da história.

Os testemunhos são sempre no feminino. Elas sabem o que é o amor, a paixão. Nós, os homens, ficamos mais pela posse. Lutamos pela posse como se de um objecto fosse e, depois, com o suceder dos dias, esquecemo-nos do essencial, desde que a ideia de posse se cumpra.

— Gosto do meu marido. Damo-nos bem. Nunca estive apaixonada por ele.

— Sabes, Artur, a gente habitua-se a uma certa rotina, à segurança dos dias e deixa de pensar nas borboletas na barriga, no ir à Lua sem tirar os pés do chão. Será que vou morrer sem verdadeiramente amar e ser amada nessa paixão que nos faz levitar o corpo e a alma?

Deixamo-nos morrer a cada dia um pouco mais nas rotinas, nos hábitos, nos medos...

Como diz o psicólogo fofinho (Eduardo Sá):

"A segunda prioridade de toda a vida é conquistar um grande amor. A primeira, nunca o perder."

No fim dos dias, o que nos acompanha no espírito e na alma serão as experiências nas quais a paixão, o amor, foram o alfa e o ómega; tudo o resto será apenas uma miragem do efémero da vida.

Um dia vão-se lembrar destas palavras... Até lá, amem e que sejam amados.

Sono tranquilo!